

Odisseia

Homero



adaptação de Leonardo Chianca

ilustrações de Cecília Iwashita



editora scipione



Gerente editorial
Sâmia Rios
Editora
Sâmia Rios
Preparadora de texto
Ana Luiza Couto
Revisores
Ana Carolina Nitto,
Cesar G. Sacramento e
Ivonete Leal Dias
Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello
Programação visual de capa e miolo
Aída Cassiano
Elaboração do encarte
Yara de Abreu Longo Najman



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2012

ISBN 978-85-262-6812-8 - AL

ISBN 978-85-262-6813-5 - PR

Cód. do livro CL: 736383

8.^a EDIÇÃO

4.^a impressão

Impressão e acabamento

• • •
Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chianca, Leonardo.

Odisséia / Homero; adaptação de Leonardo Chianca; ilustrações de Cecília Iwashita. – São Paulo: Scipione, 2000. (Série Reencontro infantil)

1. Literatura infantojuvenil 2. Mitologia grega (Literatura infantojuvenil). I. Homero. II. Iwashita, Cecília. III. Título. IV. Série.

00-0728

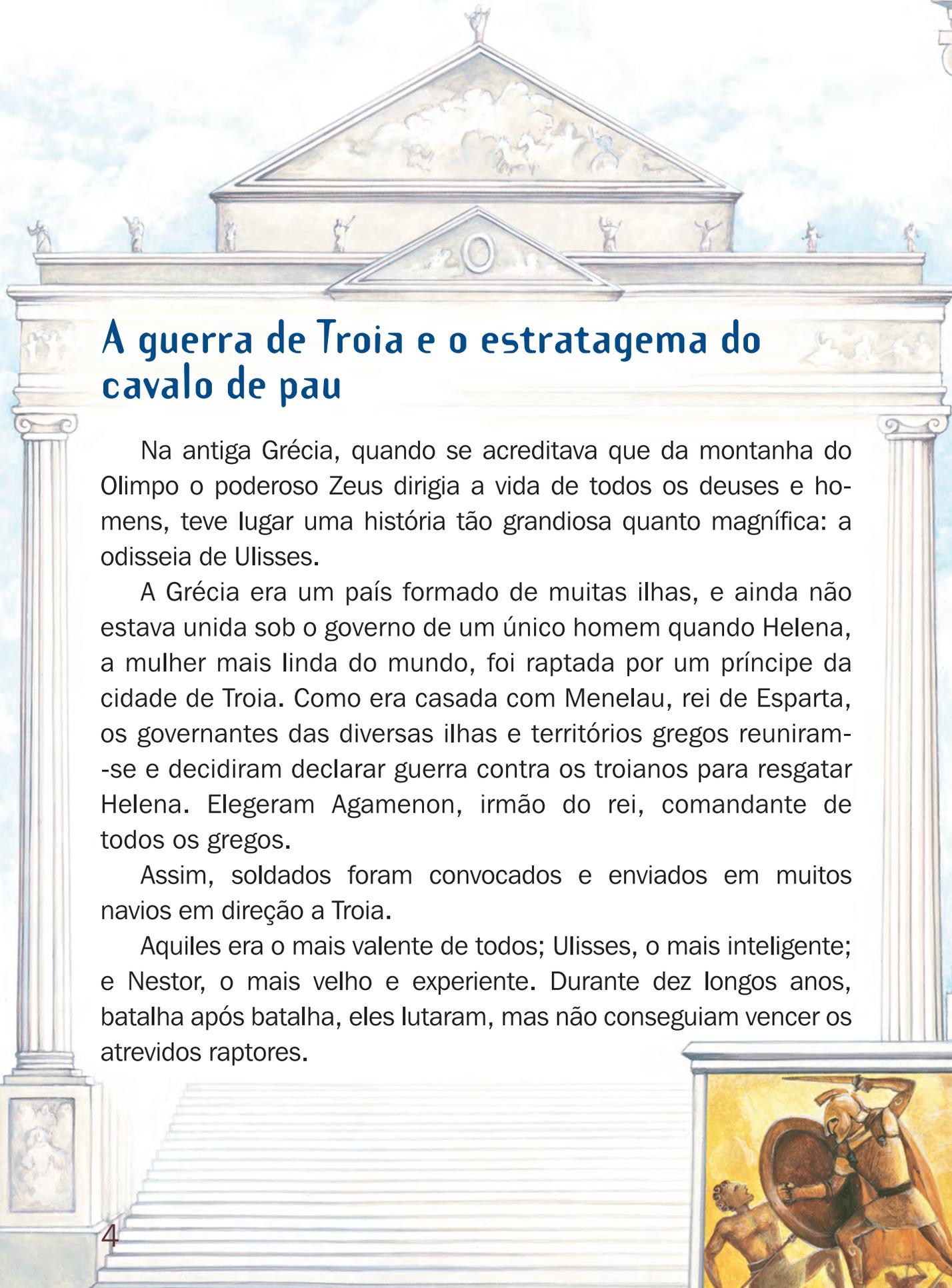
CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Odisséia: Mitologia grega: Literatura infantil 028.5
2. Odisséia: Mitologia grega: Literatura infantojuvenil 028.5

Sumário

A guerra de Troia e o estratagema do cavalo de pau	4
A viagem de volta: a primeira aventura	8
O gigante com um olho no meio da testa	10
Ulisses na ilha de Circe	16
A ilha das Sereias	20
A fúria de Zeus	22
Calipso, Nausica e os feaces	25
Telêmaco procura seu pai	28
Enfim, de volta a Ítaca	30
Eumeu, o fiel amigo	33
O encontro de pai e filho	36
Argos, o cão fiel	38
Ulisses encontra-se com Penélope e seus pretendentes	40
A última batalha de Ulisses	42
Quem foi Homero?	47
Quem é Leonardo Chianca?	47
Quem é Cecília Iwashita?	47



A guerra de Troia e o estratagemas do cavalo de pau

Na antiga Grécia, quando se acreditava que da montanha do Olimpo o poderoso Zeus dirigia a vida de todos os deuses e homens, teve lugar uma história tão grandiosa quanto magnífica: a odisseia de Ulisses.

A Grécia era um país formado de muitas ilhas, e ainda não estava unida sob o governo de um único homem quando Helena, a mulher mais linda do mundo, foi raptada por um príncipe da cidade de Troia. Como era casada com Menelau, rei de Esparta, os governantes das diversas ilhas e territórios gregos reuniram-se e decidiram declarar guerra contra os troianos para resgatar Helena. Elegeram Agamenon, irmão do rei, comandante de todos os gregos.

Assim, soldados foram convocados e enviados em muitos navios em direção a Troia.

Aquiles era o mais valente de todos; Ulisses, o mais inteligente; e Nestor, o mais velho e experiente. Durante dez longos anos, batalha após batalha, eles lutaram, mas não conseguiam vencer os atrevidos raptadores.

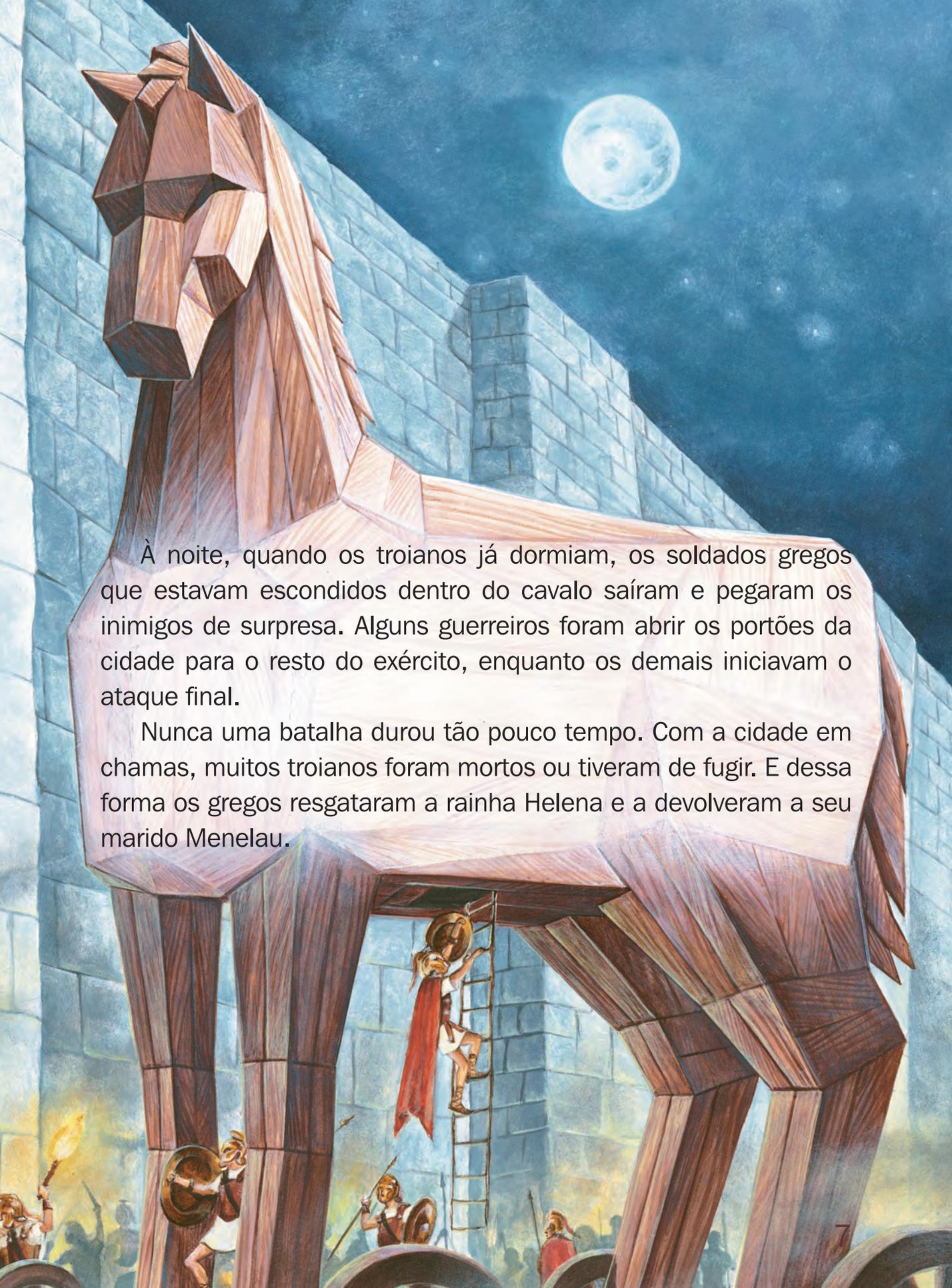


Graças à astúcia de Ulisses, o grande cerco à cidade de Troia resultou em vitória. Foi ele quem teve a ideia do grande cavalo de pau. Mandou construir o gigantesco animal de madeira e dentro dele escondeu um grande número de soldados. O cavalo foi colocado sobre uma base com rodas e empurrado até as portas da cidade amuralhada de Troia, onde foi deixado.

Enquanto isso, todos os outros soldados gregos voltaram às suas embarcações. Fingiram remar para longe da costa, como se fossem embora, cansados de tanto guerrear.

A curiosidade dos troianos era muito grande. Eles saíram de seus domínios e, com o esforço de centenas de homens, puxaram o cavalo de pau para dentro da cidade.





À noite, quando os troianos já dormiam, os soldados gregos que estavam escondidos dentro do cavalo saíram e pegaram os inimigos de surpresa. Alguns guerreiros foram abrir os portões da cidade para o resto do exército, enquanto os demais iniciavam o ataque final.

Nunca uma batalha durou tão pouco tempo. Com a cidade em chamas, muitos troianos foram mortos ou tiveram de fugir. E dessa forma os gregos resgataram a rainha Helena e a devolveram a seu marido Menelau.



A viagem de volta: a primeira aventura

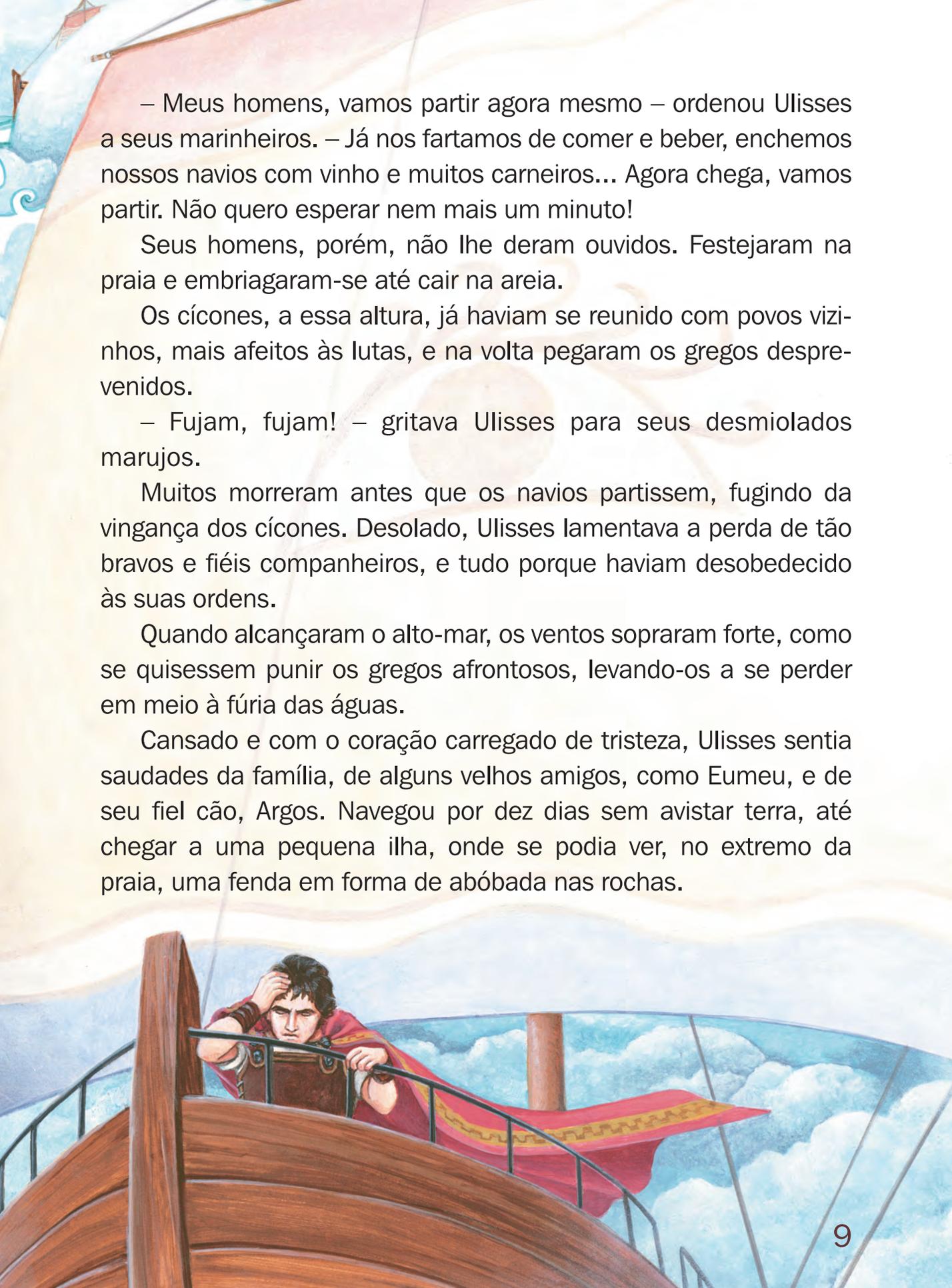
Após a vitória em Troia, os governantes gregos iniciaram a volta para casa, cada um para seu território. Lamentavam os soldados perdidos, mas comemoravam a vida dos sobreviventes, aguardando ansiosamente o reencontro com a família.

Com Ulisses não foi diferente. Ele reuniu seus soldados em sua frota de doze navios, distribuídos em grupos de cerca de cinquenta marinheiros para cada embarcação. Viajariam rumo a Ítaca, pequena ilha do mar Jônio, onde Ulisses havia reinado com justiça e sabedoria por longos anos, antes de partir para a guerra tão duradoura em Troia. Ele havia deixado em Ítaca sua mulher, Penélope, e seu filho, Telêmaco, que era bem pequeno na ocasião de sua partida.

A guerra contra os troianos havia durado dez anos e mal sabia Ulisses que levaria outros dez para finalmente rever sua família. A viagem de retorno foi repleta de aventuras muito perigosas.

Mal haviam se lançado em alto-mar, ventos muito fortes desviaram os navios de Ulisses de seu destino, afastando-os cada vez mais de Ítaca. Os marujos estavam sedentos e esfomeados. Após alguns dias navegando sem rumo, avistaram uma pequena cidade, com palácios dourados, casas ajardinadas e templos riquíssimos. Estavam às portas de Ísmaro.

Os homens de Ulisses não conseguiram se controlar e saquearam a rica cidade. Os cícones, habitantes de Ísmaro, eram um povo pacífico e, diante da invasão e violência dos descontrolados gregos, fugiram para as montanhas.

A colorful illustration of a man with dark hair, wearing a red cloak with a gold border, leaning over the wooden railing of a ship's deck. He has a distressed expression, with his hand to his forehead. The background shows a bright sky with a large sun and a blue sea. A large red sail is visible in the upper left corner.

– Meus homens, vamos partir agora mesmo – ordenou Ulisses a seus marinheiros. – Já nos fartamos de comer e beber, enchemos nossos navios com vinho e muitos carneiros... Agora chega, vamos partir. Não quero esperar nem mais um minuto!

Seus homens, porém, não lhe deram ouvidos. Festejaram na praia e embriagaram-se até cair na areia.

Os cícones, a essa altura, já haviam se reunido com povos vizinhos, mais afeitos às lutas, e na volta pegaram os gregos desprevenidos.

– Fugam, fugam! – gritava Ulisses para seus desmiolados marujos.

Muitos morreram antes que os navios partissem, fugindo da vingança dos cícones. Desolado, Ulisses lamentava a perda de tão bravos e fiéis companheiros, e tudo porque haviam desobedecido às suas ordens.

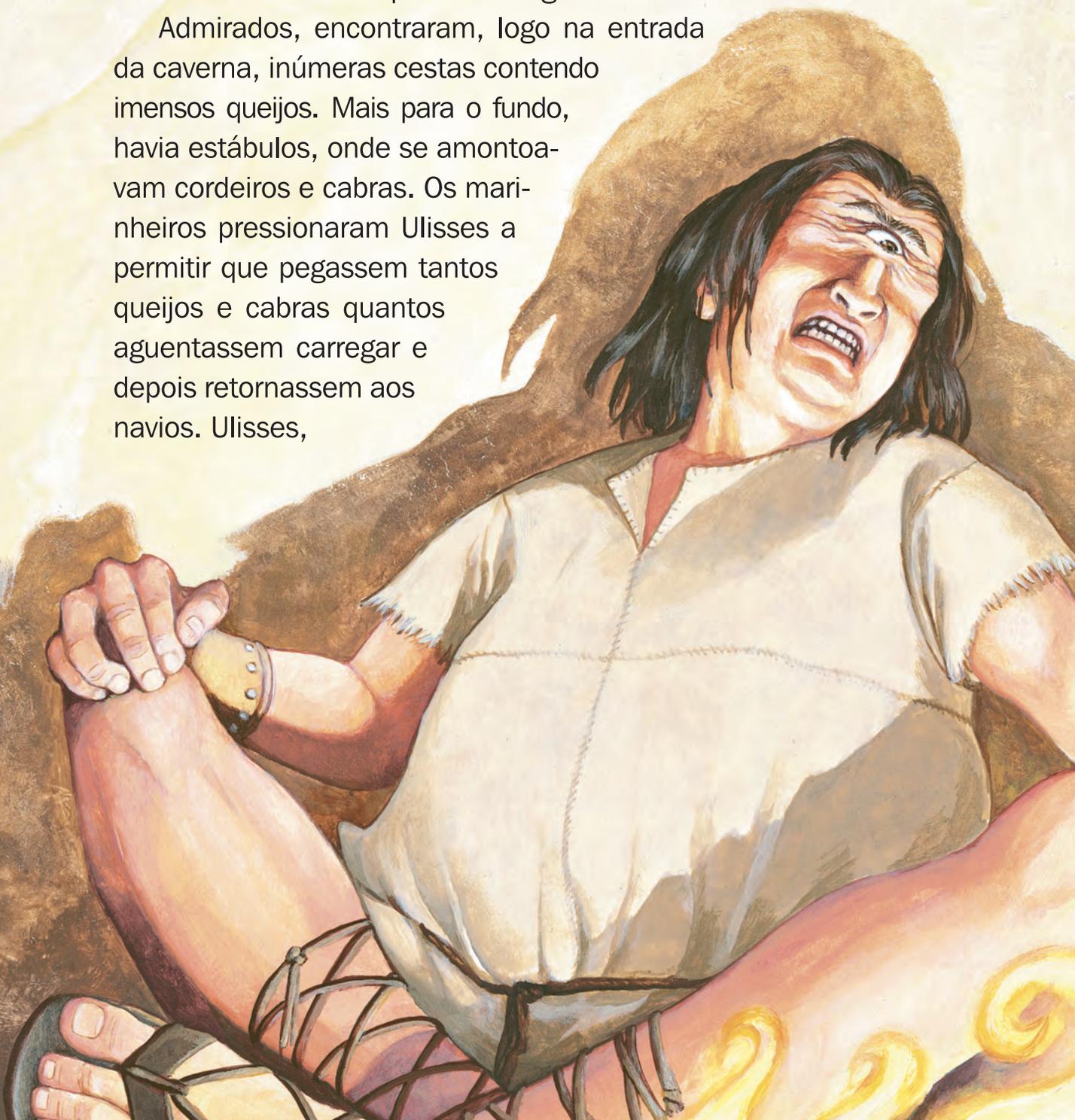
Quando alcançaram o alto-mar, os ventos sopraram forte, como se quisessem punir os gregos afrontosos, levando-os a se perder em meio à fúria das águas.

Cansado e com o coração carregado de tristeza, Ulisses sentia saudades da família, de alguns velhos amigos, como Eumeu, e de seu fiel cão, Argos. Navegou por dez dias sem avistar terra, até chegar a uma pequena ilha, onde se podia ver, no extremo da praia, uma fenda em forma de abóbada nas rochas.

O gigante com um olho no meio da testa

Desconfiado e temeroso de que corresse algum perigo maior, Ulisses reuniu apenas doze de seus homens e foram investigar a grande caverna. Levaram consigo alguns sacos de couro de bode cheios de vinho e um pouco de trigo tostado.

Admirados, encontraram, logo na entrada da caverna, inúmeras cestas contendo imensos queijos. Mais para o fundo, havia estábulos, onde se amontoavam cordeiros e cabras. Os marinheiros pressionaram Ulisses a permitir que pegassem tantos queijos e cabras quantos aguentassem carregar e depois retornassem aos navios. Ulisses,





no entanto, estava muito curioso e quis ficar para conhecer o habitante daquele lugar. Assim, acenderam uma fogueira, assaram um cordeiro e aguardaram o morador desconhecido, acreditando que fosse algum pastor.

– O que é isso? – assustou-se Ulisses ao sentir o chão tremendo como se um enorme animal se aproximasse a passos largos.

– Oh, céus, o que vejo? – apavorou-se um dos homens, justamente o mais valente deles, ao avistar um gigante imenso à entrada da caverna.

Era Polifemo, o mais terrível de todos os ciclopes, criaturas monstruosas com apenas um olho no meio da testa. Ulisses e seus homens correram para o fundo da caverna, escondendo-se no escuro. Polifemo fechou a entrada da caverna com uma pedra tão pesada que nem mesmo a força de cem homens poderia removê-la dali.

O ciclope separou um grupo de cabras, sentou-se e passou a ordenhá-las. Bebeu todo o leite num gole só e em seguida juntou alguns troncos de pinheiro e acendeu o fogo. As chamas se elevaram e o clarão denunciou os gregos prensados contra as paredes da caverna.

– Quem são vocês? Piratas? – gritou Polifemo com sua voz de trovão.



– Não somos piratas – antecipou-se Ulisses. – Somos guerreiros gregos. Lutamos e vencemos sob as muralhas da grande Troia, comandados pelo rei Agamenon! Em nome dos deuses, rogamos que nos receba com hospitalidade.

– Ora, não me fale de deuses! – respondeu o ciclope, com um gesto de desprezo. E, muito esperto, perguntou: – Há mais gregos por aí? Onde deixaram seus navios?

Mas Ulisses, ainda mais inteligente, respondeu com falsidade:

– Nossa nau foi atirada pelos ventos contra um rochedo. Somos os únicos sobreviventes do naufrágio.

O gigante nem ligou para as palavras de Ulisses. Agarrou dois marinheiros como se fossem filhotes de cachorro e jogou-os ao chão. Seus corpos ficaram esfaqueados e ele os devorou como um animal faminto.

Assombrados, Ulisses e os dez homens que restaram viram Polifemo espreguiçar-se, esticando os imensos e fortíssimos membros, e cair no sono entre os cordeiros e cabras.

Ulisses pensou em furar o coração daquele monstro com sua espada, mas desistiu da ideia ao perceber que não conseguiriam mover a pesada pedra à entrada da caverna. Sendo assim, esperaram amanhecer.

No dia seguinte, num piscar de olhos, o ciclope devorou mais dois marinheiros no café da manhã, com apetite voraz. Depois disso, saiu da caverna, mas fechou-a cuidadosamente para que seus prisioneiros não fugissem.

Ulisses, então, arquitetou um plano. Aplainou um enorme tronco de oliveira, afiou sua ponta como um gigantesco espeto e escondeu-o sob o esterco que havia no chão. Contou aos companheiros que pretendia fincá-lo no olho do gigante.

Quando Polifemo voltou, Ulisses ofereceu-lhe o vinho que haviam trazido.

– Hum... que bebida magnífica! Deve ser o que os deuses bebem no Olimpo – disse o gigante, e depois perguntou a Ulisses:
– Diga-me, qual é o seu nome? Gostaria de lhe dar um presente como recompensa...

– Meu nome é Ninguém – respondeu Ulisses. – Agora me dê o presente.

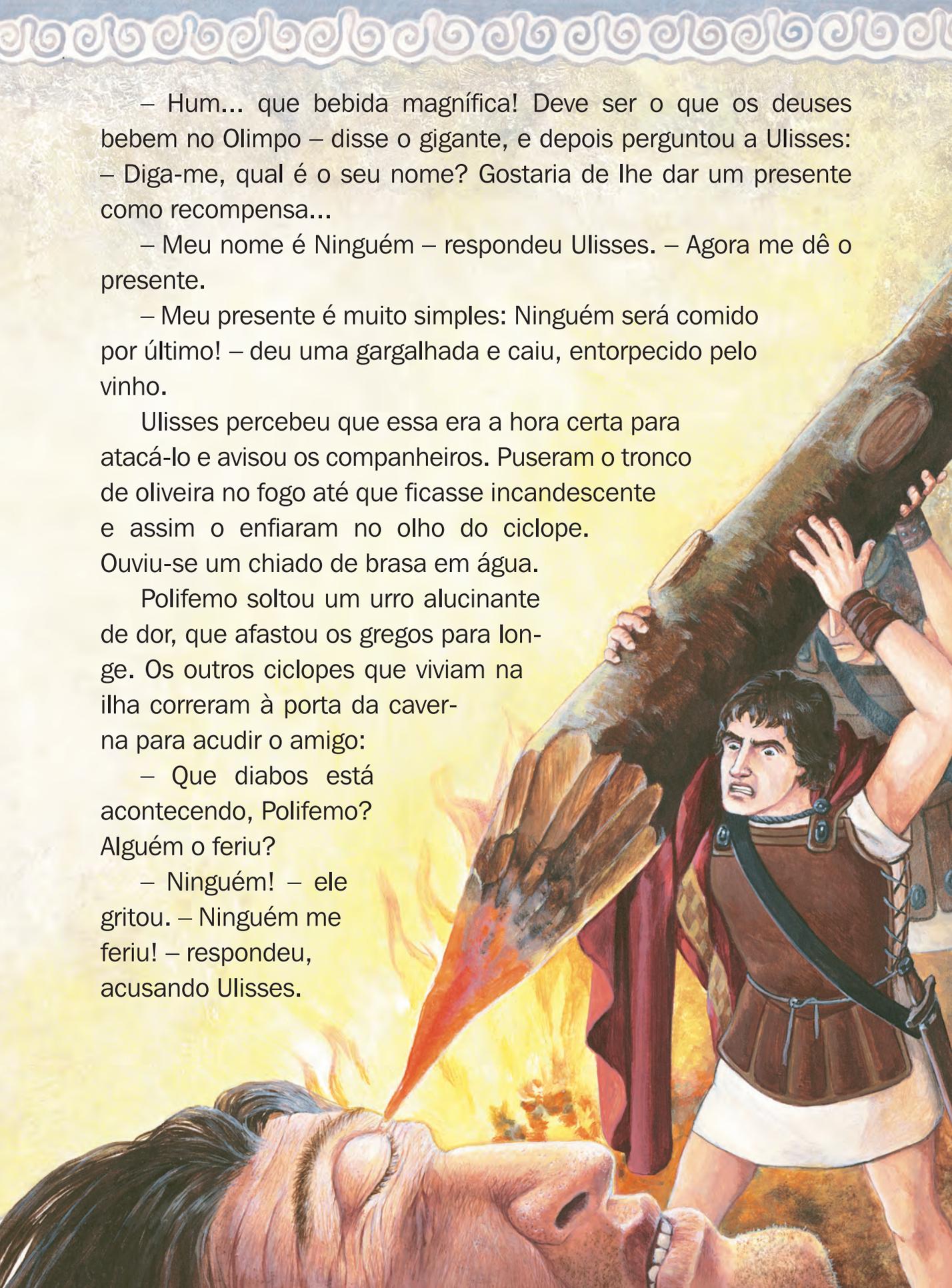
– Meu presente é muito simples: Ninguém será comido por último! – deu uma gargalhada e caiu, entorpecido pelo vinho.

Ulisses percebeu que essa era a hora certa para atacá-lo e avisou os companheiros. Puseram o tronco de oliveira no fogo até que ficasse incandescente e assim o enfiaram no olho do ciclope. Ouvia-se um chiado de brasa em água.

Polifemo soltou um urro alucinante de dor, que afastou os gregos para longe. Os outros ciclopes que viviam na ilha correram à porta da caverna para acudir o amigo:

– Que diabos está acontecendo, Polifemo? Alguém o feriu?

– Ninguém! – ele gritou. – Ninguém me feriu! – respondeu, acusando Ulisses.



– Se ninguém o feriu, então foram os deuses que o fizeram urrar... Agora deixe-nos dormir em paz! Adeus!

O ciclope Polifemo, tentando enganar os gregos, apalpou as paredes até chegar à grande pedra que fechava a caverna. Retirou-a e sentou-se à porta, esperando que seus prisioneiros tentassem fugir para devorá-los.

Ulisses voltou-se para seus homens e cochichou:

– Sejam valentes! Chegou a hora de fugirmos desta prisão.

E expôs seu plano. Amarrou cada um de seus homens à barriga de um carneiro. Como não podia amarrar a si próprio, Ulisses se agarrou firmemente à lã do maior de todos os animais.

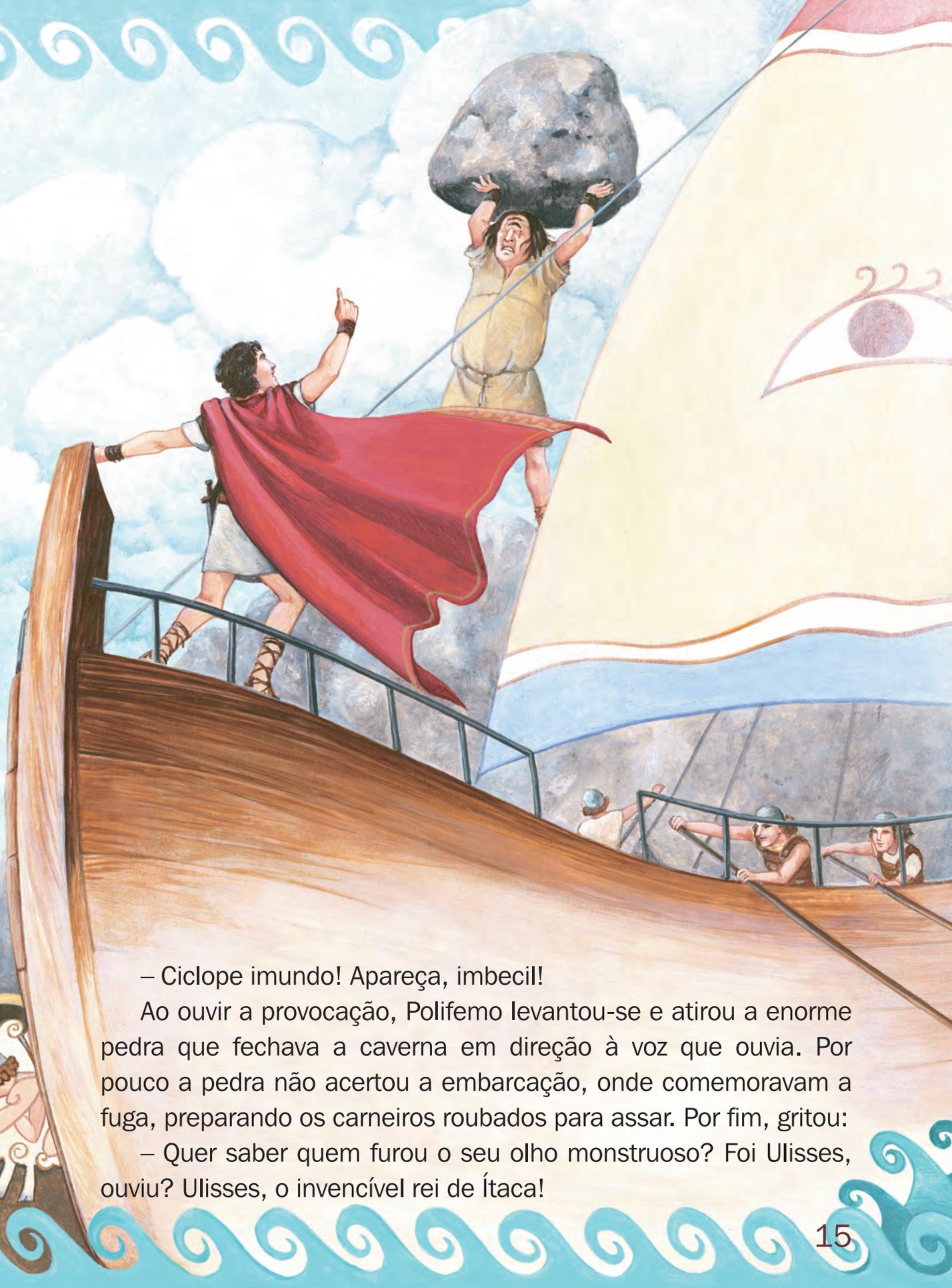
Ao nascer do sol, à medida que os animais deixavam a caverna, Polifemo apalpava seus dorsos para conferir se algum grego vinha montado neles. Quando o último deles passou, o ciclope ainda comentou:

– Ora, justo você, o maior de todos... Por que deixou que os outros saíssem à sua frente? – e liberou sua saída.

Quando se viu a uma distância segura, Ulisses se soltou do carneiro, desamarrou os companheiros e correram todos em direção aos navios, que ainda estavam ancorados na costa. Os companheiros que haviam ficado saudaram-nos e notaram a falta de alguns. Ulisses pediu-lhes silêncio até que subissem às embarcações e estivessem afastados da praia.

Quando já iam longe, o valente e astuto Ulisses gritou, em pé na proa do navio:





– Ciclope imundo! Apareça, imbecil!

Ao ouvir a provocação, Polifemo levantou-se e atirou a enorme pedra que fechava a caverna em direção à voz que ouvia. Por pouco a pedra não acertou a embarcação, onde comemoravam a fuga, preparando os carneiros roubados para assar. Por fim, gritou:

– Quer saber quem furou o seu olho monstruoso? Foi Ulisses, ouviu? Ulisses, o invencível rei de Ítaca!